

# Paulo Freire e o humanismo anarquista

Giancarla Brunetto

## Sobre o humano, o sobre-humano e o desumano

*“Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita, Indesculpavelmente sujo, Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho, Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo, Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas, Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante, Que tenho sofrido enxovalhos e calado, Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda; Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel, Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar, Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado Para fora da possibilidade do soco; Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas, Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo. Toda a gente que eu conheço e que fala comigo Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho, Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...Quem me dera ouvir de alguém a voz humana Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia; Que contasse, não uma violência, mas uma covardia! Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam. Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil? Ó príncipes, meus irmãos, Arre, estou farto de semi-deuses! Onde é que há gente no mundo? Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra? Poderão as mulheres não os terem amado, Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca! E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído. Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear? Eu, que tenho sido vil, literalmente vil, Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.”*  
(FERNANDO PESSOA, poema Linha Reta, in: *Obra Poética*)

Em “Linha Reta”, Fernando Pessoa narra com todo o vigor poético a dor que é ser humano, sentir-se humano, saber-se humano, na plenitude de sua contingência. E com o mesmo vigor, Pessoa é amargo com os que se sentem semi-deuses, e que nada mais são do que igualmente humanos, mas que não se reconhecem como tais. Ou melhor, reconhecem que são mais humanos do que os demais. Que os demais são “demais”. Existem uns mais humanos do que outros? “Onde é que há gente no mundo?”, pergunta Pessoa, já antecipando a inexistência de Pasárgada. Para o poeta, nem todo humano é gente. O poeta leva ao extremo – e é próprio da poesia e dos grandes poetas – a sensível percepção da subjetividade. O “eu” como referência de si, do outro e do mundo, o “eu” como representação, o “eu” que só se apreende e compreende, em relação. Essa relação, mesmo que seja indesejada ou impossível, é sempre uma relação com um “outro”. Só me reconheço como “eu” diante e porque existe o “outro”, mesmo que esse “outro” seja pelo meu “eu” ignorado, subestimado, maltratado, invisibilizado.

Quando o poeta se auto-condena “...vil, literalmente vil, Vil no sentido mesquinho e infame da vileza”, ele declara toda a sua humanidade. Não se espera dos príncipes, dos semi-deuses, tampouco dos deuses, que sejam vis. Entretanto uma nova leitura desse verso e fico a me perguntar qual é o sentido mais mesquinho e infame que a vileza pode ter. O que é vileza? Algo que tem pouco valor, barato. Pode ser a qualidade de um objeto, uma coisa, um produto, uma mercadoria. Pode ser qualidade de uma pessoa? Vil como mesquinho, desprezível, repugnante, abjeto. Miserável. Sim, podemos qualificar um ser humano como vil, com relação a suas ações, suas atitudes, seu caráter. Porém, uma pessoa pode ser ou não ser vil, **pode tornar-se.**

Em uma relação de opressão, o “eu” de um sobrepõe-se ao “eu” do outro. Se o tirano é vil por tratar o povo como pessoas sem liberdade, que devem se subjugar às ordens e se adequar à força ao sistema; também o povo, suprimido de sua liberdade, considerará vil o tirano que lhe explora, lhe impõe, lhe escraviza. Vil é um ponto de vista? Sob o risco de cair em um relativismo, penso que o poeta clama pelo reconhecimento de uma humanidade perdida. E que portanto pode e deve ser resgatada. Ele instiga: nem todo o ser humano é humano, mas torna-se gente.

Um dos pensadores brasileiros que mais tematizou a questão do humano é Paulo Freire. O educador nordestino que ganhou destaque na América Latina, em parte pela repercussão de uma pedagogia que vem ao encontro da Filosofia da Libertação de Enrique Dussel; mas especialmente pelas suas falas, ações e seus escritos sobre a Pedagogia: do Oprimido, do Opressor, da Indignação, da Autonomia, da Esperança: mas sempre uma Pedagogia, um processo educativo em uma perspectiva libertadora.

Partindo da constatação de que Paulo Freire é uma das maiores referências na área da educação, e compreendendo educação como a forma de libertação do ser humano em gente (o que na terminologia freireana equivale a ser “o ser-mais”), chego à seguinte questão: seria Paulo Freire um anarquista? O que leva a outra questão: De que forma o Anarquismo contribui para a humanização do humano? Creio que para tentar responder a essas duas perguntas, preciso apresentar algumas das ideias freireanas e de sua proposta pedagógica, bem como alguns dos pressupostos do paradigma anarquista e suas contribuições na educação.

## **A pedagogia da libertação e a educação libertária**

“Estarei esperando a tua chegada como  
o jardineiro que prepara o jardim  
para a rosa que se abrirá na primavera”  
(P. FREIRE, 2000)

Segundo ZITKOSKI, a obra de Paulo Freire constitui-se em uma proposta pedagógica humanista libertadora. Sua originalidade e fecundidade residem na busca da superação das formas hegemônicas de pensar a educação; na concepção epistemológica fundada na forma dialógica e intersubjetiva; no respeito às diferenças; e na visão ética e política que acredita no inédito possível. Nos campos ético, político, epistemológico e antropológico, a perspectiva freireana surge como a “revolução cultural enquanto caminho para humanização do mundo” (ZITKOSKI, 2007, p. 230).

Não é pretensão aprofundar aqui cada uma das dimensões, mas me focar no que todas elas tem em comum, a busca do “ser mais”. Com referenciais na fenomenologia, na filosofia existencial e existencialista e no marxismo, a concepção epistemológica de Freire concebe o conhecimento como práxis social. O ser humano é um “eu” em relação com os outros, com o mundo, pela intencionalidade da consciência, em um processo dialético, dialógico e histórico. O dilema na busca desta humanização, da concretização do ser-mais, é pelo embate a partir do choque das subjetividades com os condicionantes históricos. Quero salientar que, no meu ponto de vista, aqui reside o núcleo do pensamento freireano, e que muito o aproxima do existencialismo: a liberdade dos sujeitos que possibilita a busca da libertação de uma realidade opressora. Que o ser humano é sempre inacabado, e por isso um constante projeto de si mesmo, e que mediante a intencionalidade da ação busca revolucionar a si mesmo, para poder revolucionar o mundo em que vive. Como o próprio Freire diz, sobre o papel da conscientização, nas Primeiras Palavras de A Pedagogia do Oprimido, referindo-se a algumas observações nos cinco anos de exílio:

“Não são raras as vezes em que participantes destes cursos  
manifestam o seu “medo da liberdade”,  
se referem ao que chamam de “perigo da conscientização”.  
A consciência crítica (dizem...) é anárquica”  
(P. FREIRE, 1985, p. 19)

Temos aqui a primeira aproximação da pedagogia de Paulo Freire com o Anarquismo. Liberdade, conscientização e revolução são palavras-chave para ambos. ZITKOSKI (2010) observa que o desafio da humanização é a busca de dar um sentido na história, como ser no mundo, como busca do ser mais. Essa busca, ou luta, só é possível na medida em que o humano procura superar a si próprio diante das limitações que encontra. O processo de humanização é portanto um processo de libertação. Em um sentido social, político, equivale dizer que os que são oprimidos, os que são excluídos, enfim, violados - em uma perspectiva dos direitos humanos que visam a dignidade humana, sempre - são exatamente essas pessoas “desumanizadas” que mediante o processo de conscientização levará ao caminho da libertação:

“Reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica... A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais... A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores, e esta, o ser menos”.

(P. FREIRE, 1985, p. 30)

No ambiente da escola, essa humanidade roubada se manifesta em relações não dialógicas. ANDREOLA (2010) afirma que a democratização na escola só é possível no desenvolvimento de relações horizontais. Porém, o diálogo para Freire é possível entre os diferentes, não entre os antagonicos. Ou seja, diante de uma relação de opressão, não há humanização, não há o reconhecimento do outro, da liberdade do outro. BECKER (2010) refere-se a esta situação como o reprodutivismo da escola, de um modo de educar de um tipo de escola tradicional, hegemônica, que não faz nenhum sentido, mas que ainda permanece arraigada na chamada pedagogia bancária:

“Esta pedagogia bancária que é do professor que sabe, o aluno tem que ouvir. O professor fala, o aluno copia, o professor dita e o aluno escreve. Ela tem uma concepção epistemológica arcaica, ultra-arcaica. Aliás, eu nem sei se a palavra arcaica é boa porque se ela se inspirasse em Platão e Aristóteles já não faria isso. Ela mantém o aluno no cabresto”. (F. BECKER, 2010)

BECKER, ao analisar a obra e o legado de Paulo Freire na educação, observa que na pedagogia bancária não há o reconhecimento do outro, nem da diferença, nem da alteridade ou da outreidade. O aluno não é nada sem o professor. BECKER qualifica como perversidade da escola que segue essa forma de educar: a forma que “continua considerando o aluno tábula rasa, um vaso oco, vazio, que só vai ter alguma coisa se o professor botar lá” (BECKER, 2010). Aqui podemos observar outro ponto de aproximação da pedagogia de Paulo Freire com o Anarquismo. A pedagogia da libertação é uma forma de educação libertária, e a educação libertária é o que postulam os anarquistas, conforme detalharemos a seguir.

### **O paradigma anarquista**

Podemos conceber uma escola sem direção? Um Estado sem governo? Supondo que sim, seria esse novo modelo de escola uma des-ordem, esse novo modelo de Estado um des-governo? Para o Anarquismo, não. As ideias e os ideais anarquistas e libertários que datam dos séculos XVIII ao XIX (seu ápice, digamos), até pretensamente seu esmorecimento no início do século XX. Se a falta de direção ou de governo fossem ideais anarquistas, estaríamos vivenciando-o plenamente na pós-modernidade, ou contemporaneidade. Há uma sensação de falta de sentido. Há uma desumanização flagrante nas relações interpessoais. Há violações dos direitos humanos mais fundamentais das pessoas. Anarquistas como Proudhon, Kropotkin, Malatesta, Bakunin, apresentaram ideias anarquistas que tem em comum o caráter rebelde, transformador, libertador, revolucionário. São diferentes proposições, e por isso, o paradigma anarquista deve ser compreendido em sua unidade enquanto proposições sobre a transformação radical e libertadora, das subjetividades e das coletividades. E deve ser compreendido em sua pluralidade, já que o anarquismo é anárquico, e não é redundância afirmar isso, é enfatizar que a ausência de unidade é a unidade. É da própria seiva dessa forma de conceber o homem e o mundo: Faça o que tiver vontade, com o respeito pela liberdade.

O anarquismo é um princípio gerador segundo o qual se busca despertar a consciência crítica das pessoas, resgatar a humanidade do humano por meio da quebra dos condicionamentos que aprisionam o humano. Por exemplo, o Estado, as instituições, a propriedade privada, as relações de opressão, os modelos reprodutivistas, o *status quo* burguês responsável pela falência do projeto

de modernidade. O anarquismo propõe a construção coletiva da liberdade, sempre respeitando as liberdades individuais, para a desconstrução da autoridade. O humanismo para o anarquismo encontra-se na evolução permanente do ser humano. O homem é a célula, que parte do simples para o composto, na relação do singular com o coletivo. BAKUNIN percebia a importância da negação no processo dialético. Para ele, “a paixão pela destruição é também uma paixão criativa”, assim como para PROUDHON “a democracia não é nada mais do que o arbítrio constitucional”. O ser humano é a base do e para o anarquismo. O Estado é a maior negação do humano, pois é a maior forma de manifestação de arbítrio, de tolhimento da liberdade, das liberdades. Max STIRNER, chamado por Engels como “tranquilo inimigo de toda coerção”, frequentava a Liga dos Livres, e escreveu o Único e sua Propriedade, marco do Anarquismo Individualista. Os egos se unem solidariamente para não viverem solitariamente.

“O divino é a Causa de Deus; o humano é a causa do homem.  
Minha causa, não é nem o divino nem o humano,  
ela não é o Verdadeiro, o Justo, a Liberdade etc...  
ela é apenas o Meu: não é geral, é Única,  
como sou único. Para mim, não há nada acima de Mim.”  
(MAX STIRNER, O Único e sua Propriedade)

A ideologia libertária anarquista se baseia na autodeterminação, na autogestão, e a fraternidade não é uma utopia, mas uma possibilidade que vem de um árduo trabalho de conscientização crítica. Governos não são fraternos, e democracias representativas não expressam as vontades dos representados. São sempre prioritariamente relações de e pelo poder, e que por ser essa a natureza dessas relações, elas são e continuarão sendo institucionais, arbitrárias, falsamente representativas, e fonte de opressão e dominação. Os anarquistas opõem-se ao Estado Burguês, aos modelos liberal e neoliberal, e também o comunismo, por se tratarem de formas que negam a liberdade humana:

“Detesto o comunismo porque trata-se da negação da liberdade  
e eu não posso conceber nada humano sem a liberdade.  
Não sou comunista ainda porque o comunismo concentra e  
absorve todas as forças da sociedade nas mãos do Estado,  
enquanto eu quero a abolição do Estado, que,  
sob o pretexto de moralizar e civilizar os homens,  
até hoje só os aviltou, oprimiu, explorou e depravou.  
Quero a organização da sociedade e da propriedade coletiva  
ou social de baixo para cima, pelo caminho da livre associação,  
e não de cima para baixo, por meio de qualquer autoridade seja ela qual for.  
É nesse sentido que eu sou coletivista e de nenhuma maneira comunista”. (BAKUNIN, 1983)

A verdadeira educação deve ser anárquica. Significa ser transformadora, deixar fluir a liberdade individual e congregar as liberdades coletivas. Educação que para ter esse caráter revolucionário – e para os anarquistas a educação nunca é neutra, sempre é política, e daí a sua importância primeira na formação do humano – deve ser exercida fora do contexto do Estado. O Estado produz e reproduz a violência na sociedade.

“O Estado só tem um objetivo, limitar, atar, subordinar o indivíduo, sujeitá-lo à coisa geral: ele só dura enquanto o indivíduo não tem sua plenitude e é apenas a expressão limitada de meu eu, minha limitação, minha escravidão... O Estado quer fazer algo dos homens, e por isso o homem é no Estado algo de artificial, de fabricado...”  
(MAX STIRNER, O Único e sua Propriedade)

Para o anarquismo, a educação tem um papel político sempre, nunca é neutra. A educação libertária anarquista vai de encontro à educação tradicional, reprodutivista, doutrinadora. São exemplos dessa pedagogia a educação burguesa, mantida por empresas, ou por instituições religiosas. A educação libertária é antidogmática, e se efetiva na e fora da escola: nas comunidades, associações, movimentos, nos coletivos. Para William GODWIN a humanidade deve prescindir da autoridade ditada pelos governos, e guiar-se pela confiança no sentido de justiça e na razão como guia. O paradigma anarquista na obra de GODWIN (*An Inquiry concerning political justice and its influence on general virtue and happiness*) preconiza a relação do homem com a natureza, e o uso da razão que é superior ao uso da lei.

### **A pedagogia freireana é anarquista?**

“Vamos revolucionar! É a única coisa boa, a única realidade da vida”  
Proudhon

Se por um lado o marxismo poderia ter catapultado os ideais anarquistas, bem como do socialismo utópico e do socialismo científico, podemos hoje observar a mesma situação de “xeque-mate” em que estão postas as principais ideias marxistas. O neoliberalismo avança no mundo globalizado, o Comunismo almejado não foi efetivado, senão com autoritarismo e arbitrariedade, e o modelo socialista parece ser ainda o caminho da utopia. O individualismo neoliberal, ainda que seja a maior prova da inexistência de justiça social e de bolsão de exclusão, ainda assim predomina no Estado Burguês, no Estado Capitalista, no Estado.

A pedagogia da libertação pensada e realizada por Paulo Freire é uma forma de resgatar o humano no homem. No que ensina, no que aprende. Só ensina quem aprende. Só se vive em relação. No ano de 1967, durante o exílio no Chile, Paulo Freire publicou no Brasil o seu primeiro livro, Educação como Prática da **Liberdade**. E o seu último livro publicado em vida chama-se Pedagogia da **Autonomia**. Entre seu primeiro e último livro, a escola continuou – e continua sendo, como já fora afirmado pelos anarquistas – um dos mais importantes aparelhos hegemônicos, aparelhos ideológicos do Estado. O “mérito do fracasso educacional” é a permanência da escola que reproduz, que não pensa. Uma escola que não pensa, uma universidade que não pensa, humanos que não pensam. Uma força de expressão para resumir os tempos de hoje. A atualidade das discussões que há três séculos se fazia, e que não perdeu nada a sua atualidade. O caos é a pretensa ordem, imposta, arbitrária, que engessa as mentes.

O ser humano, por ser um fazer-se humano, é formado por paradoxos. Carrega o anárquico, o que não significa que se torna anárquico. Paulo Freire foi um anarquista, ao propor uma pedagogia que parte da realidade social, de forma dialógica. Já a pedagogia freireana será anarquista se for concretizada, e não reproduzida no ambiente da escola, da universidade. Anarquista não é pensar ser, dizer ser. Anarquista é uma forma de ser. E o maior desafio que se coloca hoje, tanto para o anarquismo, o marxismo e a pedagogia libertária, é que em meio às permanentes lutas sociais da humanidade, a revolução aconteça pela vontade, pela razão e pela ação.



## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail Alexandrovich **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000.

\_\_\_\_\_ **Textos Escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

COELHO, Plínio Augusto **História do Anarquismo**. São Paulo: Editora imaginário, 2008.

DAMKE, Ilda Righi **O processo do conhecimento na Pedagogia da Libertação. As ideias de Freire, Fiori e Dussel**. Petrópolis: 1995, pp. 43-53.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

\_\_\_\_\_ **O Encobrimento do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo Canção Óbvia (manuscrito) In: **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LOVISON, Aida Maria **Latinidade: Apelos de um rosto chamado Paulo Freire**. In: **Latinidade da América Latina. Enfoques filosóficos e culturais**. (BOMBASSARO, Luiz Carlos e VIDAL, Silvina Paula – Organizadores) São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010, pp. 566 – 570.

VARES, Luis Pilla **O Anarquismo: promessas de liberdade**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1988.

WOODCOCK, George **História das Ideias e Movimentos Anarquistas**. 2 Vols. (Vol. I – A Ideia Vol. II – O Movimento) Porto Alegre: LPM, 2002, pp. 273-313.

ZITKOSKI, Jaime **A pedagogia freireana e suas bases filosóficas**. In: **Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo**. (GGIGGI, Gomercindo, PITANO, Sandro de Castro e SILVEIRA, Fabiane Tejada – Organizadores) Pelotas: Seiva Publicações, 2007.

\_\_\_\_\_ Ética, educação e direitos humanos: o desafio da humanização. in: **Os Hereges Temas em Direitos Humanos, Ética e Diversidade.** (BRUNETTO, Giancarla, BROTTTO, Márcio Eduardo e RODRIGUES, Adriana - Organizadores) Porto Alegre: Editora Armazém Digital, 2010, pp. 163-168.

**Documentário:**

BRUNETTO, Giancarla **Paulo Freire, educador.** Porto Alegre: 2010, 31min.